

A ANTIGÜIDADE CLÁSSICA COMO HORIZONTE DE PENSAMENTO QUE PODE CONTRIBUIR PARA A INVESTIGAÇÃO DE PROBLEMAS CONTEMPORÂNEOS

Izabela Bocayuva

RESUMO

Esta pesquisa quer, através da investigação das questões da linguagem, da ética e da estética, a partir de sua originalidade e articulação no pensamento grego clássico, poder propor ao homem atual – escravo da técnica e do consumo – alternativas de pensamento e ação. Pensamos que a Antigüidade pode ser uma excelente fonte de reflexão para nos ajudar na necessária retomada de vigor vital tanto em nosso exercício intelectual, quanto em nossas experiências práticas de homens hodiernos.

PROBLEMA

Nosso interesse em estudar a Filosofia Antiga também se inspira em nossa ocupação e preocupação com questões contemporâneas. Entendemos que a Antigüidade não só é solo de origem de tais questões; no contexto reflexivo de sua originalidade, o pensamento grego antigo se mostra bastante capaz de iluminar para nós hoje caminhos de investigação que viabilizam novas orientações no pensamento e na ação.

O mundo eminentemente técnico em que vivemos hoje e que cada vez mais apenas fala para se comunicar e informar resultados, corre o terrível perigo de permanecer esvaziado de vigor vital, apesar da profusão de entes e sentidos que produz. Isso não é nenhum lamento, mas constatação. O desenraizamento em que vive o homem hoje pode deixá-lo desavisadamente completamente sem mundo ainda que morando num lugar repleto de entes. Uma terrível condição da avassaladora desmundanização do mundo que vivemos é que ela não se deixa sentir, uma vez que a multiplicidade dos entes continua tocando nossos corpos e pensamentos que calculam e apresentam resultados. Uma tal desmundanização do mundo não significa apenas uma perda entre outras, mas, como dissemos, a possibilidade de um extravio definitivo de vitalidade. A profusão de entes e sentidos que, na verdade promove em geral, sobretudo, indiferença, mostra-se no falatório cotidiano e inclusive acadêmico enquanto a linguagem tende a somente ser percebida instrumentalmente. Na avalanche histórica em que nos encontramos sendo determinados

por essa perspectiva, ela tem hoje *valor* de *única* referência. É como se não houvesse outro caminho possível para o pensamento/ação.

Com efeito, linguagem não é originariamente um instrumento. Mesmo que sem nos darmos conta de seu sentido originário, e que está necessariamente a nos abarcar a todos, a tomemos como mero instrumento de comunicação, ela é a responsável pelo fenômeno da emergência da realidade (homem-mundo) em todos os tempos. Dito melhor ainda: ela não é “a responsável por”, mas é a própria emergência da realidade. Por isso ela pode também ser chamada: Princípio. A apropriação técnica da linguagem é apenas uma das possibilidades de sua manifestação enquanto fenômeno originário. Mas, se perdemos isso de vista e tomamos aquela perspectiva – ou qualquer outra que seja – como a única, é inevitável o empobrecimento da potência criativa da linguagem, isto é, das realizações do homem no mundo.

Quer dizer que essa preocupação de fundo ontológico com a elucidação da originariedade da linguagem consiste igualmente numa preocupação com outra questão fundamental: a ética, mas desde que esta também seja entendida em sua originariedade, isto é, não meramente a partir de códigos legais que só abarcam essa problemática de um modo muito derivado. A potência criativa da linguagem diz respeito à ética, à medida que é a partir dela que nascem todas as inúmeras possibilidades de efetivo relacionamento do homem consigo mesmo e com o mundo, dentre as quais se encontra inclusive, como já foi dito, aquele tipo de apropriação exclusivamente técnica de todas as coisas. Mas se a linguagem traz em seu bojo a ética, ambas necessariamente trazem consigo a estética para a cena, pois toda realização prática não pode nunca escapar de ser uma realização plástica, formadora e transformadora, forjando beleza ou feiúra, nobreza ou vileza nos pensamentos e nas ações. Eis o que é problemático em todos os tempos.

Mesmo antes de o pensamento se ter dividido, ainda na Antigüidade, em Ontologia e Ética podemos perceber essa preocupação pontual com o desenraizamento do relacionamento do homem consigo e com o mundo à luz de uma reflexão em torno da linguagem em sua originariedade. Ouvimos aqui o eco do pensamento pré-socrático que a cada vez argumenta diversamente acerca do princípio: *tudo é um*, expressão viva de sua radical experiência com o logos. Através dela poderemos nós mesmos perceber o quanto a linguagem é bem mais do que comunicação. Mais tarde, com Platão e Aristóteles, essa

experiência com o logos sofrerá alterações significativas que constituirão a base da primeira concepção filosófica da verdade e do valor. Segundo esse modo de pensar, o verdadeiro e o que tem valor é sempre o racional (o lógico). A própria crise da verdade e do valor pela qual passamos hoje deriva daí, ainda que numa manifestação diversa daquela concepção. Já não confiamos na verdade e não estamos seguros sobre o que tem valor. No entanto, se ainda formos capazes de ouvir devidamente o pensamento grego da Antigüidade poderemos encontrar uma excelente contribuição na orientação – enraizamento – para as nossas próprias questões. Não é que esperemos uma resolução para aquela nossa desconfiança e insegurança, mas é absolutamente importante, ao nos darmos conta delas, procurarmos uma clara noção de seu fundamento. Somente assim é que, ainda que perdurando desconfiança e insegurança, poderá ocorrer a abertura de outro horizonte para a ação. Pertencemos a uma época em que linguagem, ética e estética precisam ser repensadas a fim de que se torne viável a restituição de peso ao fenômeno simples do viver, isto é, ao sentido de ser.

Sabemos que o estudo do pensamento da Antigüidade não é o único capaz de nos ajudar em nossos problemas, mas nos propomos, através dessa pesquisa, principalmente viabilizar as contribuições que ele pode nos dar. A modernidade e a contemporaneidade trazem exemplos de pensadores que se deram conta disso e que muito nos ajudarão em nossa pesquisa. Falamos de Hegel, Nietzsche, Bérqson e Heidegger, por exemplo.

OBJETIVOS E METAS

Esta pesquisa que pretende se empenhar o mais possível em pensar a linguagem como Princípio, bem como a ambiência gerada pela escassez dessa forma de pensar, tem como objetivo apontar caminhos (ou talvez para a falta de caminhos) para o homem de hoje, sufocado na multiplicidade dos entes e escravizado pelo imperativo do consumo, caminhos (ou não) que o conduzam para uma luminosidade maior capaz de deixá-lo ver melhor como bem-viver.

Temos também como meta evidenciar como a Antigüidade pode contribuir conosco em questões decisivas tais como a da linguagem, da ética e da estética.

METODOLOGIA

A fim de estudarmos a contribuição da Antigüidade para a contemporânea problemática tanto da linguagem quanto da ética e estética, iremos aos textos mesmos dos pensadores antigos que chegaram até nós. Mas levaremos também em conta os pensadores posteriores que comentaram esses textos, sobretudo Hegel, Nietzsche e Heidegger.

Por exemplo, com relação à linguagem tomaremos inicialmente o pensamento dos pré-socráticos. Veremos também Platão e Aristóteles que nos ajudarão igualmente tanto no questionamento da linguagem, quanto nas questões da ética e estética.

Heidegger será um pensador muito presente em nossa pesquisa não só quando trata diretamente dos gregos. Suas colocações em geral freqüentemente nos ajudam a ter olhos para a originariedade do pensamento daquele tempo, sempre com vistas a iluminar problemas contemporâneos. Falamos de obras como *Ser e Tempo*, carta *Sobre o Humanismo*, *A origem da obra de arte* e muitas outras. Obras de Nietzsche também serão estudadas, como, por exemplo, *O Nascimento da Tragédia*, *Gaia Ciência*, *A genealogia da Moral*, e outras. Pensadores contemporâneos como Foucault e Wittgenstein também serão estudados à medida que apresentam uma profunda reflexão em torno da linguagem.

RESULTADOS ESPERADOS

- 1) Contribuir com a reflexão filosófica atual a respeito da Linguagem e da Ética;
- 2) Chamar a atenção para a reflexão filosófica em seus primórdios enquanto fonte imorredoura de pensamento vigoroso;
- 3) Estimular a pesquisa em Filosofia Antiga.

BIBLIOGRAFIA

APEL, Karl-Otto. *Wittgenstein y Heidegger, la pregunta por el sentido del ser y la sospecha de falta de sentido em la metafísica*. México. Ver. Diánoia págs.111-148

ARISTOTLE. *Nicomachean Ethics*. Transl. Rackham. London: Loeb, 2003. 14ª ed.

_____. *Politics*. Transl. H. Rackham. London, 1998. 9ª ed.

ARISTÓTELES. *Ética a Nicomacos*. Trad. Mario da Gama Kury. Brasília: UnB, 2001.

- _____. *Política*. Trad. Mário da G. Cury. Brasília: UnB, 1997. 3ª ed.
- _____. *Metafísica*. Trad. Valentin García Yebra. Madrid: Gredos, 1982. 2ª ed.
- _____. *Órganon*. Trad. Edson Bini. São Paulo: Edipro, 2005.
- _____. *Retórica*. Trad. Vários. Lisboa: Casa da Moeda, 2006. 3ª ed.
- AUBENQUE, Pierre. *Lê problème de l'être chez Aristote*. Paris: PUF, 1997. 3ª ed.
- BEAUFRET, Jean. *Introduction aux philosophies de l'existence. De Kierkegaard à Heidegger*. Paris: P.U.F., 1959.
- BERGE, Damião. *O lógos Heraclítico Introdução ao estudo dos fragmentos*. Rio de Janeiro: Instituto Nacional do livro, 1969.
- BERGSON, Henri. *Cursos sobre a Filosofia Antiga*. Trad. Bento Prado Neto. São Paulo: Martins Fontes, 2005.
- BIRAULT, Henri. *Heidegger et l'expérience de la pensée*. Paris: Gallimard, 1978.
- BOSCH, R. *La estética de Heidegger*. México: Cruz O.S.A., 1991.
- BUDDEBERG, E. *Denken und Dichten des Seins, Heidegger, Rilke*. Stuttgart, 1956.
- BURKHARDT, J. *Historia de la cultura griega*. Trad. Antonio Tovar. Barcelona Obras Maestras, 1975.
- BURNET, John. *L'aurore de la Philosophie grecque*. Paris: Payot, 1952.
- CAPUTO, John. *Meister Eckart y el último Heidegger: el elemento místico em el pensamiento de Heidegger*. **in:** *Heidegger y la mística*. Córdoba: Ediciones Librería Paideia, 1995.
- CASSIN, Bárbara. *Aristóteles e o Logos*. Trad: Luiz Paulo Rouanet. São Paulo: Loyola, 1999.
- CEREZO-GALÁN, P. *De la existencia ética a la ética originária*. **in:** *Heidegger, la voz de tiempos sombríos*. Barcelona: Serbal, 1991.
- _____. *Arte, verdad y ser em Heidegger*. Madrid: Fundación Universitaria Española, 1963.
- DESCHOUX, Marcel. *Platon ou le jeu philosophique*. Paris: les Belles Lettres, s/d.
- DIELS-KRANZ. *Die fragmente der vorsokratiker*. 3B. Zürich: Weidmann, 2004.
- FOUCAULT. *As Palavras e as coisas*. Trad. Salma Tannus Muchail. São Paulo: Martins Fontes, 2000.
- _____. *História da Sexualidade II O uso dos prazeres*. Trad. Mª Tereza

- Abuquerque. Rio de Janeiro: Graal, 1984.
- _____. *Microfísica do Poder*. Trad. Roberto Machado. Rio de Janeiro: Graal, 1984. 4ª ed.
- _____. *Vigiar e Punir*. Trad. Ligia M. Ponde Vassalo. Petrópolis: Vozes, 1984. 3ª ed.
- _____. *A verdade e as formas jurídicas*. Trad. Roberto Machado e Eduardo Jardim. Rio de Janeiro: PUC, 1999. 2ª ed.
- _____. *A ordem do discurso*. Trad. Laura Fraga Sampaio. São Paulo: Loyola, 2003.
- _____. *A Hermenêutica do sujeito*. Trad. Marcio da Fonseca e Salma Muchail. São Paulo: Martins Fontes, 2004.
- GUILEAD, Reuben. *Ser y libertad. Um estudio sobre el último Heidegger*. Madrid: G. de Toro, 1969.
- JASPERS, K. *Notas sobre Heidegger*. Barcelona: Grijalbo-Mondadori, 1990.
- HAAR, Michel. *Heidegger*. Paris: L'Herne, 1983.
- HEGEL, G.W.F. *Lecciones sobre la Historia de la Filosofia*. México: Fondo de Cultura Econômica, 1955.
- _____. *Introdução à História da Filosofia*. Trad. Artur Mourão. Lisboa: Edições 70, 1991.
- HEIDEGGER. *Sein und Zeit*. Tübingen: Niemeyer, 1986.
- _____. *Ser e Tempo I e II*. Trad. Marcia de Sá Cavalcante. Petrópolis: Vozes, 1989.
- _____. *Questions I et II*. Trad. Vários. Paris: Gallimard, 1968.
- _____. *Questions III et IV*. Trad. Vários. Paris: Gallimard, 1976
- _____. *A caminho da linguagem*. Trad. Márcia Sá Cavalcante Schuback. Petrópolis: Vozes, 2003.
- _____. *Ensaio e Conferências*. Trad. Emmanuela Carneiro Leão, Gilvan Fogel e Márcia Sá Cavalcante Schuback. Petrópolis: Vozes, 2002.
- _____. *Heráclito*. Trad. Márcia Sá Cavalcante Schuback. Rio de Janeiro: Relume Dumará, 1998.
- _____. *Sobre o Humanismo*. Trad. Emmanuel Carneiro Leão. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1995.
- _____. *Holzwege*. Frankfurt: Vittorio Klostermann, 1963. 4º ed.
- _____. *Caminhos de Floresta*. Trad. Irene Borges, Filipa Pedroso, Alexandre

- Franco de Sá, Helder Lourenço, Bernhard Sylla, Vitor Moura e João Constâncio. Lisboa: Calouste Goulbenkian, 2002.
- _____. *Einführung in die Metaphysik*. Tübingen: Max Niemeyer, 1953.
- _____. *Introdução à Metafísica*. Trad. Emmanuel Carneiro Leão. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1978.
- _____. *Serenidade*. Trad. Maria Madalena Andrade e Olga Santos. Lisboa: Instituto Piaget, s/d.
- _____. *Os conceitos Fundamentais da Metafísica. Mundo, Finitude, Solidão*. Trad. Marco Antônio Casanova. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2003.
- _____. *Língua de tradição e língua técnica*. Trad. Mário Botas. Lisboa: Passagens, 1995.
- _____. Vários Textos in: *Os Pensadores*. Trad. Ernildo Stein. São Paulo: Abril Cultural, 1979.
- HYPOLITE, J. *Ontologie et phénoménologie chez M. Heidegger*. Études philosophiques, n° 9, 1945.
- JAEGER, Werner. *Paidéia*. Trad. Artur Parreira. São Paulo: Martins Fontes, 1986.
- _____. *Aristoteles*. Trad. José Gaos. México: Fondo de Cultura Económica, 1995. 3ª ed.
- _____. *La teologia de los primeros filósofos griegos*. Trad. José Gaos. México: Fondo de Cultura Económica, 1952.
- KANDINSKY. *Olhar sobre o Passado*. Trad. Antônio Danesi. São Paulo: Martins Fontes, 1991.
- KIRK & RAVEN. *Os Filósofos Pré-socráticos*. Lisboa: Calouste Gulbenkian, 1982. 2ª ed.
- KRÄMER, Hans. *Platón y los fundamentos de la Metafísica*. Trad. Vários. Caracas: Monte Ávila Editore Latinoamericana, 1996.
- LAERCIO, Diógenes. *Vidas, opiniones y sentencias de los Filósofos mas ilustres*. Trad. Vários. Madrid: Aguilar, 1973
- LEÃO, E. C. *Aprendendo a pensar. vol. I* Petrópolis: Vozes, 1989.
- _____. *Aprendendo a pensar. vol. II* Petrópolis: Vozes, 1992.
- LES PRÉSOCRATIQUES*. Trad. Jean-Paul Dumont. Paris: Gallimard, 1988.
- LOPARIC, Zeljko. *Sobre a responsabilidade*. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2003.

- MESQUITA, António Pedro. *Reler Platão* Lisboa: Casa da Moeda, 1994.
- _____. *Aristóteles Introdução geral*. Lisboa: Casa da Moeda, 2005.
- NUNES, Benedito. *Passagem para o poético*. São Paulo: Ática, 1992.
- OS PENSADORES ORIGINÁRIOS. Trad. Emmanuel Carneiro Leão e Sérgio Wrublewsky. Petrópolis: Vozes, 1991.
- PLATONIS. *Opera*. Oxford: Oxford University Press. 1987. 5° ed.
- PLATÃO. *Obras Completas*. Trad. Carlos Alberto Nunes. Pará: Universidade do Pará, 1974.
- PLATON. *Oeuvres completes 2 T*. Trad. Léon Robin. Paris: Gallimard, 1950.
- REALE, Giovanni. *Para uma nova interpretação de Platão*. Trad. Marcelo Perine. São Paulo: Loyola, 1997.
- _____. *História da Filosofia Antiga*. 5 vol. São Paulo: Loyola, 1994.
- ROBIN, Léon. *Platon*. Paris: Librairie Félix Alcan, 1935.
- SANTORO, Fernando. *Arqueologia dos Prazeres*. Rio de Janeiro: Objetiva, 2007.
- SALLIS, John. *Beeing and Logos*. Indiana: Indiana University Press, 1996.
- SCHÜRMAN, R. y CAPUTO, J. *Heidegger y la mística*. Córdoba: Paideia, 1995.
- RILKE. *Rodin*. Trad. Daniela Caldas. Rio de Janeiro: Relume Dumará, 1995.
- WITTGENSTEIN, L. *Tractatus Logico-Philosophicus*. Trad. Luiz Henrique Lopes dos Santos. São Paulo: Edusp, 1993.
- _____. *Aulas e Conversas*. Trad. Miguel Tamen. Lisboa: Cotovia, 1991.
- _____. *Gramática Filosófica*. Trad. Luis Carlos Borges. São Paulo: Loyola, 2003.
- _____. *Investigações Filosóficas*. Trad. Marcos G. Montagnoli. Petrópolis, 2005. 3ª ed.